

DICIONÁRIO HISTÓRICO DO PORTUGUÊS DO BRASIL: TESTEMUNHO LEXICAL DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL COLÔNIA

Clotilde de A. Azevedo Murakawa*

Resumo: O *Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII* (DHPB) é uma obra de referência construída a partir de uma base de dados constituída de textos dos séculos XVI, XVII, XVIII e começo do XIX, escritos sobre o Brasil em seu período colonial. É, portanto, um dicionário documentado, isto é, o significado da palavra-entrada e as suas várias acepções, estão rigorosamente contextualizados, comprovando o seu emprego. Seu objetivo é registrar um repertório lexical da língua portuguesa no Brasil, nos séculos mencionados. Para a elaboração do DHPB foi organizada uma metodologia própria que contemplasse os diversos aspectos da língua portuguesa, aspectos esses que permitem colocar o dicionário em destaque no panorama atual da lexicografia portuguesa no Brasil. Neste texto, apresentam-se alguns aspectos importantes da metodologia aplicada.

Palavras-chave: lexicografia, dicionário histórico, definição lexicográfica, verbete, história do Brasil Colônia.

Resumen: El *Diccionario Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII* (DHPB) es una obra de referencia construida a partir de una base de datos constituída de textos de los siglos XVI, XVII, XVIII e inicio del XIX, escritos sobre Brasil en su período colonial. Así que, es un diccionario documentado, es decir, el significado de la entrada y sus varias acepciones están estrictamente contextualizados, comprobando su empleo. Su objetivo es registrar un repertorio lexical de la lengua portuguesa en Brasil, en dichos siglos. Para la elaboración del DHPB fue organizada una metodología propia que contemplara los diversos aspectos de la lengua portuguesa, aspectos esos que permiten poner el diccionario en destaque en el panorama actual de la lexicografía portuguesa en Brasil. En este texto, se presentan algunos elementos importantes de la metodología aplicada.

Palabras clave: lexicografía, diccionario histórico, definición lexicográfica, artículo, historia del Brasil Colonia.

Abstract: The *Historical Dictionary of Portuguese of Brazil – XVI, XVII and XVIII centuries* (DHPB) is a reference work built upon a database composed of texts from the XVI, XVII, XVIII and beginning of the XIX centuries written about Brazil during its colonial period. It is, therefore, a well documented dictionary, that is, the meaning of the word entries and their many meanings are strictly contextualized confirming its usage. The aim is to record a lexical approach of the Portuguese Language in Brazil during the mentioned centuries. To elaborate the DHPB an organized and specific methodology was used to contemplate the many aspects of the Portuguese Language, these aspects put the dictionary in an outstanding position in the current panorama of the Portuguese lexicography in Brazil. In this text some important aspects of the applied methodology are shown.

Keywords: lexicography, historical dictionary, lexicographic definition, entry, history of Colonial Brazil.

Cómo citar este artículo: Murakawa, Clotilde de A. Azevedo (2015). “Dicionário Histórico do Português do Brasil: testemunho lexical da língua portuguesa no Brasil Colônia”. *Debate Terminológico*, 14. 75-88.

1. Introdução

Este texto, em cujo título está a palavra “testemunho”, significando prova, depoimento, tem por finalidade destacar a importância do Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII (DHPB) no contexto da lexicografia portuguesa, através do procedimento metodológico e teórico estabelecidos para a sua consecução.

Ressalte-se, que o projeto do DHPB como é mais conhecido, foi idealizado pela Professora Maria Tereza Biderman e foi executado até o final pela vice-coordenadora do projeto, autora deste texto. Foi concluído em 2012 com uma nomenclatura de 10.470 verbetes. Seu objetivo, conforme proposto no projeto original, foi a construção de um repertório lexical a partir de documentos dos séculos XVI, XVII, XVIII e começo do XIX que registraram a língua portuguesa no período do Brasil colonial.

Este texto tem por objetivo apresentar alguns dos procedimentos metodológicos que permitiram elaborar o DHPB e colocá-lo como obra de importância no panorama da lexicografia portuguesa, especialmente no Brasil.

* Doutora em Linguística e Língua Portuguesa, FCL/UNESP, campus de Araraquara. E-Mail: jtm.jau@uol.com.br

2. Procedimentos metodológicos: alguns destaques

Orienta a Lexicografia contemporânea que, ao se pretender construir um dicionário seja ele de que tipo for, certos procedimentos de pesquisa devem ser adotados e o primeiro deles é determinar o recorte do tempo, ou seja, qual o período de abrangência do dicionário para a recolha do material a ser utilizado. No caso do DHPB, o tempo delimitado foi de 1500 com a carta de Pero Vaz de Caminha até 1808, período de 3 séculos e um pouco mais, que corresponde ao período do Brasil enquanto colônia de Portugal; e o término, 1808, marca a data da chegada da família real portuguesa ao Brasil.

Definido o período, vieram as duas etapas essenciais para a execução do projeto: a seleção dos documentos e sua tipologia e a organização do banco de dados que deu suporte linguístico para a seleção da nomenclatura e, posteriormente, dos verbetes.

A seleção dos documentos obedeceu, rigorosamente, o tempo compreendido entre 1500 e 1808, e o tipo de documento utilizado. Com relação a este aspecto, foram selecionados os documentos escritos sobre o Brasil por portugueses, ou ainda por aqueles já nascidos no Brasil. Denominou-se *documento* toda a produção escrita utilizada como testemunho, comprovação da língua portuguesa no período. Da busca em bibliotecas públicas e particulares, em arquivos públicos, museus no Brasil e no exterior, em especial na Biblioteca Pública de Évora, em Portugal, obteve-se a seguinte tipologia dos textos que integraram o banco de dados: obras dos missionários viajantes, na sua maioria jesuítas que vieram em missão catequética e no Brasil se fixaram; diários de navegação, como o de Pero Lopes de Sousa, irmão de Martim Afonso de Sousa; cartas de sesmarias; roteiros descritivos da flora e fauna brasileiras; descrições geográficas; cartas e sermões do Padre Vieira, pregados aqui no Brasil e de outros oradores sacros, que para aqui vieram e que tiveram sua correspondência reunida em obras esparsas; obras e documentos que tratam do Estado do Grão Pará, durante a era pombalina; cartas comerciais trocadas entre comerciantes da colônia com outros de Portugal; obras sobre a nobiliarquia paulistana; atos de câmaras municipais; anais de câmaras de diversos municípios brasileiros; documentos cartoriais; autos de devassas feitos durante a Inconfidência Mineira; processos; inventários; testamentos; alvarás; posturas; bandos; atos de doações de terras, casas e terrenos; cartas de ofício; patentes; cartas dos governadores gerais; provisões; documentos forenses; estatutos de sociedades; constituições dos bispados do Brasil; regimentos militares; obras sobre medicina, farmácia, agricultura, mineração, além da produção literária do barroco e arcadismo no período.

Como já dizia Biderman (2001: 134): Para uma seleção criteriosa e científica, a estratégia correta é o recurso a uma grande base textual, um enorme corpus de dados linguísticos, de discursos realmente realizados – língua escrita e oral – para daí extrair a nomenclatura desejada com base em critérios léxico-estatísticos.

Para construir o *corpus* de pesquisa se fez necessário um programa computacional compatível com os propósitos do dicionário. O programa adaptado às necessidades do DHPB foi o Philologic, portador de um motor de busca que permitiu extrair as unidades lexicais e suas combinatórias que levaram a sintagmas expandidos.

Antes de os documentos serem inseridos no banco, foi necessário submetê-los ao procedimento informático a seguir descrito:

- 1) seleção dos textos;
- 2) escaneamento dos textos e edição das imagens;
- 3) organização das pastas onde cada pasta corresponde a uma obra;
- 4) a partir da leitura ótica (*Optical character recognition* - OCR) e correção pelo programa *ABBYY Fine Reader*, fez-se a transferência das imagens para textos (TIFF > DOC);
- 5) inclusão da ficha catalográfica nos textos já corrigidos;
- 6) conversão para arquivos texto (TXT);
- 7) marcação XML (*eXtensible Markup Language*);
- 8) inserção dos textos no programa Philologic.

Cada texto tem arquivado a imagem TIFF em seu formato original e isto permite que, em caso de dúvida, sempre se volte a ele.

Para a busca das unidades o programa Philologic assim se apresenta:

Figura 1. Banco de dados do DHPB: busca das unidades

Selecionadas as unidades lexicais ou a combinatória desejada, o programa apresenta todas as possibilidades, ficando por conta dos redatores buscarem os dados e elaborarem a redação do verbete. Em uma busca para a palavra jacaré, obteve-se o seguinte resultado:

Search criteria: **jacaré**

Your search found **98** occurrences

[Click here for a Concordance Report](#)

Occurrences 1-98:

1. **A00_0749** (bib:p.0)ou... XXIII DOS LAGARTOS D'AGUA **Jacaré** – Estes lagartos são de notavel grandu
2. **A00_0189** (bib:p.0) lagartos a que os indios chamam **jacaré**, dos quaes ha alguns tamanhos como um hom
3. **A00_1585** (bib:p.0)quam os naturais da terra chamam **jacaré**, mas não tão carnicheiros como os da ín
4. **A00_2533** (bib:p.0)e até huma paragem que chamar: o **Jacaré**, que fica da parte do sul da banda da cid
5. **A00_0713** (bib:p.0)o Animaes aquaticos. Quadrupedes **Jacaré**, de duas especies; é o crocodilo: os d´
6. **A00_0713** (bib:p.0)aleão, de duas especies. N. B. O **Jacaré** e o camaleão são propriamente amphibios
7. **A00_2319** (bib:p.0)a ouro fino (,) cabeceira do Rio **Jacaré** e daí fomos seguindo para a Capela de S
8. **A00_2319** (bib:p.0) Ferraz (,) donde vistamos o Rio **Jacaré** decendo por umas grandes cachoeiras a par
9. **A00_2319** (bib:p.0)Rio Larabari(,) que faz barra no **Jacaré** a(r)redado da Estrada uma Légua, Cujas v
10. **A00_2319** (bib:p.0)do, e na mata da outra parte do **Jacaré** está também[,] quase tudo povoado, anda

Figura 2. Banco de dados do DHPB: resultados

Os 10 contextos acima que estão em ordem cronológica, constam das seguintes obras, registradas no banco:

Results Bibliography

PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1585]. *I - DO CLIMA E TERRA DO BRASIL - E DE ALGUMAS COUSAS NOTAVEIS QUE SE ACHÃO ASSI NA TERRA COMO O MAR.* () [word count] [A00_0749].

GABRIEL SOARES DE SOUSA (1938) [1587]. *DA HERPETOGRAPHIA E DOS BATRACHIOS E VARIOS OUTROS (PARTE SEGUNDA - TITULO 13)* () [word count] [A00_0189].

AMBRÓSIO FERNANDES BRANDÃO (1966) [1618]. *DIÁLOGO QUINTO - EM QUE SE TRATA DAS AVES, PEIXES E ANIMAIS TERRESTRES* () [word count] [A00_1585].

ANTONIO GONÇALVES PASCHOA (1911) [1630]. *DESCRIÇÃO DA CIDADE E BARRA DA PARAÍBA* () [word count] [A00_2533].

FRANCISCO XAVIER RIBEIRO DE SAMPAIO. (1872) [1642]. *RELAÇÃO GEOGRAPHICA HISTORICA DO RIO BRANCO DA AMERICA PORTUGUEZA. COMPOSTA PELO BACHAREL FRANCISCO XAVIER RIBEIRO DE SAMPAIO* () [word count] [A00_0713].

desconhecido (1988) [1704]. *[ENCONTRANDO QUILOMBOS] - TRANSCRIÇÃO POR MARIA FILGUEIRAS GONÇALVES E INTRODUÇÃO DE ANA LÚCIA LOUZADA WERNECK - NOTÍCIA DIÁRIA E INDIVIDUAL DAS MARCHAS [.] E ACONTECIMENTOS MA(I)S CONDIGNO(S) DA JORNADA QUE FEZ O SENHOR MESTRE DE CAMPO, REGENTE[,] E GUARDA(-)MOR INÁCIO CORRE(I)A PAMPLONA, DESDE QUE SAIU DE SUA CASA[,] E FAZENDA DO CAPOTE ÀS CONQUISTAS DO SERTÃO, ATÉ SE TORNAR A RECOLHER À MESMA SUA DITA FAZENDA DO CAPOTE ETC.ETC.ETC* () [word count] [A00_2319].

Figura 3. Banco de dados do DHPB: obras

Estes conjuntos de dados extraídos da base de dados mostram como foi feita a busca pelas unidades que vieram a constituir as entradas do DHPB.

O banco de dados está constituído de 7.492.472 ocorrências com 28.858 páginas escaneadas, podendo ser considerado pela classificação de Sardinha (2004: 26) um *corpus* médio-grande (de 1 a 10 milhões). Para a composição do DHPB apenas este *corpus* foi utilizado; há ainda, não explorado o que se denominou banco II com 2.049.249 ocorrências e 8.009 páginas escaneadas, que permitirá o aperfeiçoamento do DHPB, ora construído.

A partir da frequência das unidades foram organizadas as listas de palavras que serviram de orientação para a redação dos verbetes.

Muito embora houvesse um princípio orientador para a construção dos verbetes, diante do que o banco de textos apresentou, algumas adaptações tiveram de ser feitas a fim de se chegar a um modelo adequado aos fins propostos pelo DHPB.

A base teórica seguida para a redação lexicográfica e para as demais informações linguísticas constantes do verbete resultou da consulta aos teóricos da lexicografia contemporânea. Sobre esta base relacionam-se os principais estudos e obras de lexicógrafos de linha francesa e espanhola que auxiliaram na construção de um aparato teórico que permitisse a construção dos verbetes e desse conta de toda a variedade linguística encontrada na base de textos do DHPB. Foram eles: Imbs (1960), Dubois & Dubois (1971), Bosque (1982), Haensch et alii (1982) Rey-Debove (1984), Biderman (2001), Porto Dapena (2002), Garriga Escribano (2003), Castillo Carballo (2003), Sardinha (2004).

As informações contidas no verbete, ou seja, sua microestrutura são de dois tipos: obrigatórias e facultativas. As obrigatórias são aquelas que todos os verbetes devem ter registradas; e as facultativas, aquelas que podem ou não estar presentes no banco de dados. São informações obrigatórias no DHPB, aquelas que devem constar de todos os verbetes: 1) a palavra-entrada ou lema que tem sua grafia de acordo com o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP), de 2009. A grafia atualizada facilita a consulta no DHPB. Na grande maioria o banco de dados registrou a grafia do VOLP, mas houve alguns casos em que o banco não a contemplou. Em casos desta natureza, prevaleceu a grafia do VOLP e as grafias registradas no banco de dados foram consideradas variantes; 2) a palavra-entrada veio sempre seguida da classe gramatical substantivo, adjetivo e verbo. Cabe aqui anotar que foram apenas essas classes de palavras objeto de pesquisa no banco de dados do DHPB; 3) todas as acepções ou valores polissêmicos que o lema tem nos diversos contextos do banco, obrigatoriamente, vieram acompanhados do contexto com a referência bibliográfica completa; 4) registro da datação que documentou o texto mais antigo do banco de dados onde a palavra-entrada estava inserida.

Foram consideradas informações facultativas aquelas que ficaram na dependência de estarem ou não presentes no banco: 1) variantes gráficas, morfológicas ou fonéticas integraram ou não o verbete. Em caso

de o banco registrar, elas foram colocadas logo a seguir ao lema e foram sempre acompanhadas do contexto; 2) sentido figurado; 3) a palavra-entrada integrando uma locução; neste caso a locução foi substantiva, adjetiva, verbal, prepositiva, conjuntiva e adverbial; 4) a palavra-entrada formando com outra um sintagma nominal (substantivo ou adjetivo) ou verbal; neste caso o verbete a registrou sob o rótulo de expressão sintagmática; 5) informação enciclopédica; toda vez que uma informação histórica foi interessante para tornar mais clara a definição lexicográfica, foi feito o seu registro em forma de nota; 6) uso de remissiva quando se fez necessário orientar o leitor para um outro verbete com objetivo de esclarecer uma informação.

Com as informações obrigatórias e facultativas estabelecidas, os verbetes foram construídos, buscando abranger o maior número de dados linguísticos oferecidos pelo banco de dados.

3. Algumas aplicações metodológicas

O item seguinte destina-se a mostrar, através de exemplos extraídos do DHPB, alguns dos procedimentos metodológicos adotados em sua construção.

3.1. Homonímia

A tradição lexicográfica tem priorizado o critério etimológico, onde o étimo diferente leva a inserir as palavras homônimas em entradas separadas. É o que se pode observar nos dicionários gerais da língua portuguesa. Entretanto, a prática e teoria lexicográficas indicam ainda os critérios funcional ou gramatical¹ e o critério semântico como procedimentos a serem adotados colocando em entradas separadas unidades lexicais que embora tenham o mesmo étimo possam estar com outra função no contexto ou ainda possam ter uma relação semântica entre elas muito distante. O DHPB, construído a partir de uma base textual, além do critério etimológico, deu a devida atenção aos outros dois. A seguir exemplos de verbetes do DHPB²:

3.1.1. Critério etimológico

Étimos diferentes têm entradas separadas no dicionário.

ralo¹ *s.m.*

variante: rallo.

1. Instrumento com furos usado para ralar alimentos.

No fim deste tempo hé que se arranca; raspa-se muito bem a casca daquellas raizes, depois do que se rala em huma roda, cuja periferia hé toda vestida de hum *rallo* de laminas de cobre que em breve tempo a desfaz; [...]. LUIZ DOS SANTOS VILHENA (1921) [1802], CARTA QUINTA [A00_0407 p. 207].

2. A folha de metal furada com pequenos orifícios que se põe nas janelas, nas portas, nos confessionários, nas redes dos conventos, dos lazaretos etc., e que serve para se falar evitando o contato e também, em alguns casos, para que as pessoas de dentro não sejam vistas pelas que estão de fora.

[...] galanteou hum delles, em hum Convento, hũa Religiosã. A qual empenhada daquellas affeições tão indignas do feu estado, lhe pedio no *ralo*, depois das onze da manhaã, que voltãe a

¹ O critério funcional ou gramatical foi utilizado por Antonio de Moraes Silva na elaboração das edições de seu Dicionário da Língua Portuguesa, 1789, 1813 e 1823, publicados enquanto seu autor estava vivo. Este procedimento teve continuidade nas demais edições publicadas pelos organizadores.

² Os exemplos de verbetes foram extraídos do DHPB mantendo a grafia conforme nele registrada. As datas entre parênteses indicam a edição utilizada e a entre colchetes a data em que a obra foi escrita, constantes do banco de dados.

grade particular, antes da hã da tarde. FRANCISCO DE BRITO FREYRE (1655) [1655], SENHOR [A00_2496 p. 7].

3. Utensílio de metal ou pedra furada que permite o escoamento de líquidos. Servem aqueles buracos do fundo de *ralo* para aquele açúcar destilar um melado ou melaço — como lhe chamamos em Portugal [...]. CAETANO DA COSTA MATOSO (1999) [1750], 110 - CANA-DE-AÇÚCAR [A00_0991 p. 773].

1ª. datação [1587]

[...] o que fazem com cascas de ostras, e depois de lavadas, ralam-nas em uma pedra ou *ralo* que para isso tem, e depois de bem raladas, espremem esta massa em um engenho de palma, [...]. GABRIEL SOARES DE SOUSA (1938) [1587], DA AGRICULTURA DA BAHIA - (PARTE SEGUNDA - TITULO 4) [A00_0180 p. 189].

*ralo*² *adj.*

1. Pouco espesso; fino.

[...] depois, fe coe por papel pardo *ralo*, e fe lance em vidro bem tapado, lançandolhe dentro oytto pingas, ou dez de efpirito de vitriolo, e fe guarde para o ufo. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], DA MISCELLANIA DE VARIOS REMEDIOS, ANIM EXPERIMENTADOS, E INVENTADOS PELO AUTOR, COMO ESCOLHIDOS DE VARIOS PARA DIVERŒAS ENFERMIDADES [B00_0031 p. 121].

2. Pouco denso.

Aos 21 partio deste pouzo da Lagoa pello meyo dia o Tenente Coronel com toda a gente, e trem da Expedição, entrou logo ao matto q.^e era *rallo* aq.^e chamão CAHA'TANDUBA [...]. AFFONSO BOTELHO DE S.PAYO E SOUZA (1906) [1771], ANNO DE 1771 - CONTINUAÇÃO AS DELLIGENCIAS DO REAL SERVISSO EM QUE ANDA EMPREGADO O TENENTE-CORONEL AFFONSO BOTTELHODO S. PAYO E SOUZA [M00_0024 p. 20].

*ralo*³ *s.m.*

Nome de um inseto da família dos grilos que rói as raízes de plantas hortenses e outras.

Há outra espécie de baratas, a que chamam *ralo*, que ainda que não sejam caseiras, são mais danosas. PE. JOÃO DANIEL (1976) [1757], PARTE PRIMEIRA - CAP. 22º - DAS PRAGAS MAIS ESPECIAES DO AMAZONAS [A00_1824 p. 160]. (1ª. datação)

3.1.2. Critério funcional ou gramatical

Neste critério se encontram em entradas separadas substantivos ou adjetivos que nos contextos do banco de textos do DHPB apresentam funções diferentes, isto é, substantivo com função de adjetivo e este em função substantiva.

*crioulo*¹ *s.m.*

variantes: creoulo, crioilo, criollo, crioulo, crioulo.

1. Indivíduo negro nascido na colônia; forro ou escravo.

[...] porém, soube-se, pela devassa feita sobre o devido caso, que um *creoulo* e urna india de casa tinham concorrido para a matança, [...]. PADRE JOÃO FELIPPE BETENDORF (1910) [1699], CAPITULO 15 - REFERE-SE COMO DERAM AS BEXIGAS NA CAPITANIA DE CAETHÉ E COMO SE HOVERAM OS PADRES MISSIONÁRIOS DA COMPANHIA NO TEMPO DELLAS [A00_0564 p. 591].

[...] a este tempo chegou o *crioilo* Salvador cabelleireiro com loja na rua debaixo de São Bento, escravo do Capitão Paulino de Sá Tourinho, [...]. desconhecido (1931) [1798], A

INCONFIDENCIA DA BAHIA EM 1798 - DEVASSAS E SEQUESTROS (CONTINUAÇÃO)
[A00_2262 p. 71].

[...] a entregar huma colxa que levava ao mestre pedreiro Antonio da Rocha, *criollo* forro, cazado, que estava concertando a dita caza, [...]. desconhecido (1931) [1798], BAHIA-DEVASSAS E SEQUESTROS [A00_2265 p. 114].

2. Animal nascido na colônia, por oposição ao que foi introduzido pelos europeus.

[...] ha muitos veados, muitas antas, pacas, como lebres, gibatos e coatis mayores que ellas, apercas como coelhos, lindos bugios, e saguis ha muitos patos, galinhas, *crioulas* pequenas, galinholas brauas, rollas, pombas, motus, [...]. SIMÃO ESTACIO DA SYLVEIRA (1906) [1618], VII. - DIVERSOS DOCUMENTOS SOBRE O MARANHÃO E O PARÁ: 10. INTENTOS DA JORNADA DO PARÁ. 1618 [A00_0588 p. 364].

1ª. datação [1749]

[...] como tambem *crioullos* nascidos no Brazil, com advertencia porem que se nam entenderá esta permissão com os negros, que estam additos ao serviço dos Engenhos, fazendas e lavouras, [...]. desconhecido (1908) [1749], INFORMAÇÃO GERAL DA CAPITANIA DE PERNAMBUCO [A00_2207 p. 295].

crioulo² *adj.*

Diz-se do indivíduo negro nascido na colônia; forro ou escravo.

Que a tantas calamidades se Seguem prantos, e lamentos (com natureaes do outro sexo) de tantas melhores forras, pardas e negras *criolas*, e adventicias, que protestando nas Intendencias sua pobreza, [...]. CAETANO LOPES LAVRE (1896) [1741], VI - IMPOSTOS NA CAPITANIA MINEIRA [A00_0779 p. 294].

equivoco¹ *adj.*

variante: equivoco.

1. Que pode ter mais de um sentido, de uma interpretação; ambíguo.

Recebeu o capitão-mór o recado e achando umas palavras *equivocas* e menos distinctas em suas expressões, interpretou-as como ditas a sua pessoa e não sómente a seu cafuz, [...]. PADRE JOÃO FELIPPE BETENDORF (1910) [1699], CAPITULO 15 - ACUDO Á ALDEA DOS GUAJAJARAS NO MARCÚ E REMEDEIO A UM DESGOSTO DO CAPITÃO-MOR DO TAPECORÚ, NO MARANHÃO [A00_0548 p. 530].

2. Duvidoso.

[...] e para evitar no rol dos gastos algumas miudezas, dando-nos a entender em termos formaes, claros e não *equivocos*, que essa porção de visita era apenas para sustento da pessoa do bispo, familia e indios, e que este era o espirito da provisão [...]. D. FR. JOÃO DE S. JOSÉ (1869) [1762], VIAGEM E VISITA DO SERTÃO EM O BISPADO DO GRÃO-PARÁ EM 1762 E 1763: ESCRIPTA PELO BISPO D. FR. JOÃO DE S. JOSÉ [A00_0740 p. 47].

3. Confuso; contestável.

[...] e esta he a verdadeira demarcação que existio antigamente, e a que ainda hoje deve esta Capitania da de Goyazes e he a meta mais clara, a mais propria, e menos *equivoca* que pode haver. LUIZ ANTONIO DE SOUZA BOTELHO MOURÃO (1952) [1766], CARTA AO SR. CONDE DE OEIRAS SOBRE A QUESTÃO DOS LIMITES ENTRE MINAS E SÃO PAULO [A00_1609 p. 102].

1ª. datação [1633]

Quando o mesmo Christo estava na cruz, disse a sua Santíssima Mãe: Ecce filius tuus: estas palavras eram *equivocas*, e mais naturalmente se podiam entender do mesmo Christo que as dizia, do que de outro por quem as dissesse. PADRE ANTONIO VIEIRA (1951) [1633], SERMÃO DECIMO-QUARTO [A00_1046 p. 292].

equivoco² *s.m.*

1. Interpretação ambígua, sem um sentido único.

Finalmente é um verdadeiro hipócrita e como na nossa terra valem muito êstes accidentes, não deixará de fazer grande caminho e ter séquito, pelo que julgo que de nenhum proveito será a sua assistência nela, e poderá em outra mais pequena ir dar exercício aos contínuos *equivocos* com que orna a sua conversação. FRANCISCO XAVIER DE MENDONÇA FURTADO (1963) [1756], 155.^a CARTA A SEBASTIÃO JOSÉ, NA QUAL O GOVERNADOR M.F., EM SÍNTESE, TRANSMITE O SEU PENSAMENTO SÔBRE O QUE ENTÃO REPRESENTAVA A COMPANHIA DE JESUS NA AMAZÔNIA: "COM A CARTA DE V. EXA. DE 3 DE JULHO RECEBO AS IMPORTANTÍSSIMAS PROVIDÊNCIAS COM QUE A INDEFECTÍVEL JUSTIÇA DE S. MAJ. ACUDIU A DAR REMÉDIO ÀS DESORDENS QUE LHE FORAM PRESENTES, QUE HAVIA NESTA MISERÁVEL CAPITANIA; [...] ARRÁIAL DE MARIUÁ, 13 DE OUTUBRO DE 1756 [A00_0376 p. 981].

2. Engano; erro.

[...] derão pois infeliz^o o nome de vintém aquelles Povos a 1/32 de oitava de ouro, e isto bastou p.^a fazer hum *equivoco* de unidades de valor, com unidades de peso, não podem reduzir-se ao mesmo denominador, quantidade.^{es} q.' se medem por unidades heterogeneas [...]. ANTONIO PIRES DA SILVA PONTES LEME (1896) [séc. XVIII], MEMORIAS SOBRE A EXTRACÇÃO DO OURO NA CAPITANIA DE MINAS GERAES [A00_0761 p. 424].

3.1.3. Critério semântico

Os verbetes que exemplificam este item destacam os valores polissêmicos de caixa, que embora guardem entre si proximidade semântica, têm significados diversos e datação diferente nos contextos onde se encontram.

caixa¹ *s.f.*

variante: caxa.

1. Recipiente ou receptáculo de madeira, papelão, metal, ou outro material, com tampa ou sem ela, com faces geralmente retangulares ou quadradas, como uma arca, um cofre, um estojo etc.

E entre o fato ficou lá hum crucifixo em huma *caxa*, do qual se dixey dahy a pouco tempo que forão humas velhas pera ho tirar da caxa para os seus lhe quebrarem a cabeça a seu modo, e supitamente cairão mortas. P. LEONARDO DO VALE (1956) [1562], CARTA DO P. LEONARDO DO VALE POR COMISSÃO DO P. LUÍS DA GRÃ AOS PADRES E IRMÃOS DE S. ROQUE, BAÍA 26 DE JUNHO 1562 [A00_0057 p. 500].

2. Qualquer peça que contém ou resguarda outra.

[...] e assi os guardão em huns caniços que, fazem chamados juráos, onde tambem curão ao fumo os seus legumes, porque se não corrompão, e sem terem *caixas*, nem fechaduras, e os ranchos sem portas, todos abertos, são tão fieis huns aos outros, que não ha quem tome, ou bulla em cousa alguma sem licença de seu dono. FREI VICENTE DE SALVADOR (1888) [1627], LIVRO PRIMEIRO EM QUE SE TRATA DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL, COSTUMES DOS NATURAES, AVES, PEIXES, ANIMAES & DO MESMO BRASIL - CAPITULO DECIMO TERCEIRO - DE SUAS ALDÉAS [A00_1992 p. 27].

1.^a datação [1560]

[...] Requeri ao Senhor bispo que soubesse dos que pregaran a *caixa* como fora aquillo e elle respondeo que isso não releuaua [...]. JOÃO DE BOLÉS (1904) [1560], PROCESSO DE JOÃO DE BOLÉS E JUSTIFICAÇÃO REQUERIDA PELO MESMO (1560 - 1564) [A00_0827 p. 271].

caixa² *s.f.*

Designação comum a vários instrumentos de percussão do gênero tambor.

[...] Finalmente chegou o negocio a tanto, que houverão de vir ás armas, correndo com ellas o povo nescio, e inconstante, já ao Bispo com o temor das censuras, já ao Governador com o temor da pena capital, que ao som da *caixa* se publicava [...]. FREI VICENTE DE SALVADOR (1888) [1627], LIVRO TERCEIRO - DA HISTORIA DO BRASIL DO TEMPO QUE O GOVERNOU THOMÉ DE SOUZA ATHÉ A VINDA DO GOVERNADOR MANOEL TELLES BARRETO - CAPITULO VIGESIMO PRIMEIRO - DAS DIFERENÇAS, QUE O GOVERNADOR, E O BISPO TIVERÃO SOBRE HUM PRESO, QUE SE ACOLHEO Á IGREJA [A00_2031 p. 95].

1ª. datação [1616]

[...] Ouvi dizer se tocara *caixa* por parte da guarda do Capitão Mor Hr.^{mo} dalbuquerque por aver muitos ajuntamentos [...]. ALEXANDRE DE MOURA (1906) [1616], III. - RELATORIO DE ALEXANDRE DE MOURA SOBRE A EXPEDIÇÃO Á ILHA DO MARANHÃO (E EXPULSÃO DOS FRANCEZES. LISBOA, 24 DE OUT. DE 1616) [A00_0579 p. 212].

caixa³ *s.f.*

1. Erário, fazenda pública.

[...] Ouro ou prata, que por ela derem, o meterá na *Caixa* Real, fazendo-se carga ao Tesoureiro da dita quantia, que por ela se deu. PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME (1954) [séc. XVIII], INSTRUÇÃO DE REGIMENTO QUE TROUXE D. RODRIGO DE CASTELO BRANCO [A00_0082 p. 68].

2. Aquele que, numa casa comercial, tem a seu cargo os recebimentos e pagamentos.

[...] ficando fómte permittida a navegaçaõ de todo o comercio aos focios nesta Companhia, de que era *caixa*, e administrador hum Paçcoal Pereira Jansem, que além de ser homem de muita intelligencia no trato mercantil, se tinha criado no mesmo Estado do Maranhão. BERNARDO PEREIRA DE BERREDO (1749) [1718], ANNAES HISTORICOS DO ESTADO DO MARANHÃO - LIVRO XVIII [A00_2530 p. 584].

1ª. datação [1757]

É certo que para os decimentos de tapuias bravos havia ordem de se darem da *caixa* real seiscentos mil réis; mas raríssima vez recorriam os missionários a este socorro [...]. PADRE JOÃO DANIEL (1976) [1757], PARTE QUINTA - EM QUE MOSTRA UM NOVO, E FÁCIL MÉTODO DA SUA AGRICULTURA: O MEIO MAIS ÚTIL PARA EXTRAIR AS SUAS RIQUEZAS, E O MODO MAIS BREVE PARA DESFRUTAR OS SEUS HAVERES PARA MAIS BREVE, E MAIS FACILMENTE SE EFEITUAR A SUA POVOAÇÃO E COMÉRCIO - TRATADO 6º - DAS MISSÕES DO AMAZONAS, E SEUS ESTADOS - CAP. 2º - DA REPARTIÇÃO DOS ÍNDIOS AOS SEUS MISSIONÁRIOS [A00_1930 p. 216].

3.2. Variantes

O programa computacional Philologic utilizado para a busca e consulta na base textual do DHPB permitiu, através de uma busca por similaridades, localizar variantes da palavra-entrada e permitir sua datação. O método para se localizar variantes foi aos poucos sendo ampliado à medida que a busca por similaridades remetia a outras variantes. Tal dado enriqueceu a microestrutura do verbete, dando indícios, inclusive, de como a palavra era pronunciada, pois a grafia da variante permitia inferir. A contextualização de cada variante dá indício, através do texto, da época de seu uso. Os verbetes, a seguir, exemplificam o procedimento adotado:

borboleta *s.f.*

variantes: barboleta, borbolêta.

Inseto de quatro asas cobertas de escamas finas, de tamanho e cor variados.

Barboletas - Há de imensas varied^{es}: húas q' poem ovos pelos troncos dos páos, d'onde a seo tempo sahem húas lagartas, q' vivem pelas arvores, aonde morrem, sahindo-lhes de dentro a *barboleta*, ficando ali as cascas. JOSEPH BARBOZA DE SAÁ (1999) [1765], [VII]. NOTICIA DE VARIOS BICHOS E INSECTOS Q' SE CONHECEM NO BRAZIL COM A DISTINÇÃO E CIRCUNSTCAS Q' SE PODERÃO DESCOBRIR A ESTE RESPEITO [A00_2214 p. 63].

Da mesma forma ha pellos mattos algumas *borbolêtas* e bichos que padecem a mesma metamorphosis que os bichos da sêda. dos quaes e de algumas aranhas se podera aproveitar muita sêda de que não se faz cazo. LUIZ DOS SANTOS VILHENA (1921) [1801], CARTA VIGESIMA [A00_0846 p. 725].

fig.

Pessoa inconstante e com ambição.

Peixes, contente-se cada um com o seu elemento. Se o voador não quizera passar do segundo ao terceiro, não viera a parar no quarto. Bem seguro estava elle do foso, quando nadava na agua, mas porque quiz ser *borboleta* das ondas, vieram-lhe a queimar as azas. PADRE ANTONIO VIEIRA (1951) [1677], 8.º SERMÃO DE SANTO ANTONIO [A00_0931 p. 277].

1ª. datação [1585]

[...] huns se gerão de ovos como outros passaros, outros de *borboletas*, e he cousa para ver, huma *borboleta* começar-se a converter neste passarinho, porque juntamente he *borboleta* e passaro, e assi se vae convertendo até ficar neste formosissimo passarinho; [...]. PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1585], I - DO CLIMA E TERRA DO BRASIL - E DE ALGUMAS COUSAS NOTAVEIS QUE SE ACHÃO ASSI NA TERRA COMO O MAR [A00_0749 p. 33].

caju *s.m.*

variantes: acaju, cajù, cajú, cajû, acajú, caijû.

Fruto do cajueiro; tem a feição de um cone truncado, amarelo ou encarnado, de sabor mais doce que agro. Na parte oposta ao pé tem uma castanha dentro de uma casca muito oleosa e cáustica, de cor cinzenta.

A fructa *acaju* também é bem conhecida na América e Amazonas, e a sua árvore cajueiro tem ãa singularidade, que não será fácil descobrir-se semelhante em todo o mundo. PE. JOÃO DANIEL (1976) [1757], PARTE TERCEIRA - DÁ NOTICIA DA SUA MUITA RIQUEZA NAS SUAS MINAS NOS SEUS MUITOS, E PRECIOSOS HAVERES, E NA MUITA FERTILIDADE DAS SUAS MARGENS - TRATADO PRIMEIRO - DAS MINAS DE OURO E PRATA, E DIAMANTES DA REGIÃO AMAZÔNICA - CAP. 6º - PROSEGUE-SE A MESMA MATÉRIA [A00_1858 p. 329].

[...] Esta aruore do *Caju* não he m^{to} alta e ha m^{tas} p'los mato [...]. FRANCISCO SOARES (1966) [1591], COISAS NOTÁVEIS DO BRASIL - MANUSCRITO DECOIMBRA [A00_0065 p. 159].

Hà tâbê hũa fruta, q̃ chamaõ *cajùs*, q̃ lâça muito sũmo, è em mofto, he mais doce que o das uvas [...]. CAP. SYMÃO ESTACIO DA SYLVEIRA (1624) [1624], RELAÇÃO SV MARIA. AS COVSAS DO MARANHÃO [B00_0021 p. 15].

D'aqui por diante se dirá das arvores de fruto, começando nos *cajús* e cajuis. GABRIEL SOARES DE SOUSA (1938) [1587], DA AGRICULTURA DA BAHIA - (PARTE SEGUNDA - TITULO 4) [A00_0180 p. 205].

Comemos debaixo de um acajueiro muito fresco, carregado de *acajús*, que são como peros repinaldos ou camoezes, são uns amarelos, outros vermelhos, têm uma castanha no olho, que nasce primeiro que o pêro, da qual procede o pero [...]. PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1583], III - INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO P. CHRISTOVÃO GOVÊA ÀS PARTES DO BRASIL - ANNO DE 83, - OU NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUÍTICA [A00_0751 p. 154].

Os areticûs-apês, os mamões, os moricês, os *caijûs*, que tem outro fruto de diferente qualidade na castanha, de que já fallámos, aquelles frescos, e estas quentes; [...]. SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA (1878) [1730], LIVRO PRIMEIRO [A00_0567 p. 23].

1ª. datação [1576]

Outra fruita se cria nãas aruores grandes, estas se não prantão, nasçê pello matto muitas, esta fruita de pois 810 de madura he muito amarella, saõ como peros repinaldos compridos, chamão lhes *cajûs*, tem muito sumo [...]. PÊRO DE MAGALHÃES DE GÂNDAVO (1965) [1576], TRATADO DA PROVÍNCIA DO BRASIL - FAC-SÍMILES E LEITURA [A00_0792 p. 167].

4. Fraseologismos

Os fraseologismos formam um conjunto de dados linguísticos bastante importantes nos verbetes do DHPB. Sob o rótulo de expressões sintagmáticas estão nos verbetes as expressões nominais e verbais; e também as locuções conjuntivas, prepositivas, adverbiais. Muitas das expressões nominais e verbais permanecem ainda em uso na língua portuguesa e outras não. O uso atual de muitas delas leva, muitas vezes, a pensar que são recentes. Os textos comprovam o contrário.

4.1. Expressões nominais: substantivos e adjetivos

Cabeça de julgado (lugar principal; sede do julgado); cabo de esquadra (posto militar abaixo de sargento); cabo de guerra (comandante, chefe que se tornou ilustre em campanha de guerra); capa consistorial (capa usada pelos cardeais quando se reúnem em consistório); capa de asperges ou capa pluvial (capa comprida, sem pregas, que os sacerdotes usam em certas cerimônias para batizar, officiar defuntos e outras cerimônias divinas); capelão-mor (sacerdote que tinha a seu cargo o serviço religioso da capela real); crime capital (o que é punido com pena de morte); pecado capital (cada um dos sete vícios ou faltas graves catalogados pela Igreja da Idade Média e que fazem parte da tradição cristã: ira, luxúria, avareza, inveja, preguiça, orgulho e gula); camisa de onze varas (situação muito embaraçosa; grande dificuldade); carta de data (documento que registra a doação que alguém faz de bens, propriedades a outro); carta de sangrar (documento que autoriza a se lançar sanguessugas e ventosas em pessoas doentes); pé de boi (homem prudente, seguro, que nada faz sem muita reflexão); roupa de franceses (coisa comum ou que não tem dono); roupa branca (o conjunto de camisas, vestidos, toalhas de linho ou algodão); roupa de cama (o conjunto dos lençóis, cobertores e fronhas para o preparo de uma cama); pé de moleque (doce composto de massa de açúcar com pedaços de amendoim); moleque de assentar (pau grosso que serve de rasoura para igualar o açúcar dentro das caixas, nos engenhos de açúcar); moleque de quebrar (utensílio semelhante a uma pá usado para quebrar os pães nos engenhos de açúcar); coroa de areia (aglomeração de areias acima do nível das águas); baraço e pregão (corda e aviso de culpa que o penitenciado usava pelas ruas); inimigo jurado (inimigo declarado, que tem ódio implacável e que jurou vingar-se); gota coral (epilepsia); corrente e moente (diz-se do engenho de açúcar pronto para laborar); criança de peito (aquela que ainda é amamentada); mel de tanque (melado recolhido em reservatório no engenho de açúcar); talhado a pique (que tem grande altura perpendicular); taipa de mão (parede feita de ripas cruzadas entretecidas, e depois cobertas ou rebocadas de barro.); taipa de pilão (parede de cascalho e saibro

socados); légua quadrada (maior unidade de área do sistema imperial, equivalente a aproximadamente 24 km²); armada sutil (embarcação leve e pequena).

4.2. Expressões verbais

Assinar o rogo (assinar no lugar de alguém que não sabe ler ou escrever); pregar no deserto (falar em vão; não ser atendido pelas pessoas a quem se dirige); virar a casaca (mudar de posição ou opinião); pagar o pato (arcar com as consequências de algo que não fez); fechar os ouvidos (negar-se a ouvir razões ou escusa); ficar no tinteiro (deixar de realizar algo por esquecimento ou omissão); passar revista (inspecionar); meter alguém na dança (envolver alguém em negócio por meio de fraude); aturar a bucha (aguentar alguma coisa incômoda); meter a foice em seara alheia (intrrometer-se em algo); meter-se como piolho em costura (aparecer em toda parte, inoportunamente sem ser chamado ou convidado); deitar água na fervura (abater, arrefecer ânimo); estar na prancha da língua (estar pronto para ser dito); cozinhar gato por lebre ou vender gato por lebre (enganar); falar aos cotovelos (falar muito); fazer das tripas coração (tirar ânimo da fraqueza; encher-se de coragem); dar couto (dar asilo, asilar; proteger alguém); meter na cabeça (convencer, persuadir); não fazer bom cabelo (desagradar); doer o cabelo (ter receio de algum mal); estar muito ao cabo (estar próximo da morte); dar jus a (conceder o direito); criar corpo (crescer, encorpar, adquirir consistência); furtar o corpo (desviar-se para evitar um golpe, uma pancada); ir às correntes (descartar o açúcar de má qualidade); tomar a ocasião pela calva (deixá-la escapar); ficar ou estar em talas (ficar em dificuldade); ter em talas (ficar sob domínio); ficar por portas (ficar na miséria); dar em rosto ou deitar em rosto (censurar, dizer na face coisa que afronte); levar (algo) na unha (aprisionar); dar à vela ou fazer(se) à (a) vela (começar a navegar).

4.3. Locuções

De cama (em repouso; deitado na cama por motivo de doença); pelos cabelos (à custa de trabalho e sacrifício); com unhas e dentes (ferozmente; de todas as formas possíveis; com todos os recursos, com todas as forças); de corrida (depressa, sem demora); a queima roupa (muito de perto); a olho (sem peso nem medida; a esmo); com olho sobre o ombro (com desprezo); a olhos vistos (claramente; a maneira que todos veem); de mão a mão (de um para o outro); fora de mão (fora de rota, de caminho); por mão de (por intermédio de); de mão armada (com armas na mão); com mão larga (abertamente, a vontade); a mão (perto, junto); ao cabo (no fim), ao cabo de (no fim ou ao término); às talhadas (aos pedaços); a unhas de cavalo (a toda pressa, apressadamente); de rota abatida (apressadamente); a coros (alternadamente); em coro (todos juntos em uma voz); de cor (de pele negra). Há unidades lexicais, entretanto, que só estão registradas em locuções; é o caso de: de permeio (em meio, no meio) e de cor (de memória). O banco de dados documenta de cor (da cor da pele – 1801) e de cor (de memória 1557).

5. Datação

O registro da datação em um dicionário histórico constitui uma informação linguística importante. A datação pode indicar a primeira vez que a palavra apareceu na língua ou ainda indicar o documento mais antigo em que ela apareceu e qual o seu significado. No caso do DHPB tendo em vista que a base textual construída está delimitada com precisão, a datação registra o documento mais antigo em que a palavra apareceu.

Conforme mencionado anteriormente, o documento mais antigo é a carta de Perto Vaz de Caminha, de 1500 dando conhecimento ao rei de Portugal sobre o descobrimento do Brasil; já o mais recente está circunscrito ao ano de 1808, ano da chegada da família real portuguesa ao Brasil.

Todos os verbetes do DHPB têm registrada a datação acompanhada do texto. Na impossibilidade de uma data exata, como por exemplo, 1500 ou outras tantas que aparecem no banco de dados, registrou-se o século. Assim, os verbetes *pouso*, *índio* e *curso* exemplificam o procedimento:

1.^a datação [1500]

[...] fomos de longo dacosta com os batees e esquifes amarados perpopa comtra onorte peraveer se achauamos al guãa abrigada e boo *pouso* omde jouuesemos pera tomar agoa e lenha [...]. PÊRO VAZ DE CAMINHA (1964) [1500], CARTA DE PÊRO VAZ DE CAMINHA [A00_0335 p. 2].

1.^a datação [1530]

Este dia vieram de terra a nado às naos *índios* a perguntar-nos se queríamos brasil. Sábado, pela manhã, quatro de Fevereiro, mandou o capitam I. a Heitor de Sousa, capitão da nao Sam Miguel, que fosse a terra com o batel e com mercaderia ver se poderia trazer algũa água, [...]. PÊRO LOPES DE SOUSA (1968) [1530], DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO DE PÊRO LOPES DE SOUSA [A00_0078 p. 41].

1.^a datação [1555]

Jesu Christo seja com V. R. sempre e o console pera que com seu exemplo nos edifique. Muito nos consolarão as cartas do bom *curso* das cousas da Companhia assi em Portugal como en Castella, Ytalia, França e Indias. P. AMBRÓSIO PIRES (1956) [1555], CARTA DO P. AMBRÓSIO PIRES AO P. DIEGO MIRÓN, BAÍA 6 DE JUNHO 1555 [A00_0017 p. 233].

6. Considerações finais

Todo o percurso metodológico construído foi baseado nos princípios lexicográficos que orientam este tipo de pesquisa. A seleção dos documentos, o suporte teórico e principalmente o banco de dados foram essenciais para que o DHPB saísse de projeto para ser uma obra concluída. Além disso, um modelo de verbete de dicionário histórico foi elaborado, permitindo que a relação entre língua e cultura, língua e história ficassem em evidência na microestrutura do verbete.

Há, ainda, que realçar que uma obra desse tipo, isto é, um dicionário que registra uma sincronia do passado, não pode ficar amarrado a procedimentos e teorias rígidas, haja vista, que o que norteou sua elaboração, foi *uma base textual, um enorme corpus lingüístico de discursos realizados* (BIDERMAN, 2001: 134) que oferecem, a cada momento, um novo fato lingüístico.

7. Referências bibliográficas

Banco de dados do Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII [on-line]. Disponível em <http://lalex.fclar.unesp.br/philologic>

Biderman, M. T. C. (2001). “Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas”. Em *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2a ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS. 134.

Biderman, M. T. C.; Murakawa, Cl. de A. Azevedo (s. f.). *Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII*. [Inédito]

Bosque, I. (1982). “Sobre la teoría de la definición lexicográfica”. *Verba*, 9. 105-123.

Castillo Carballo, M. A. (2003). “La macroestructura del diccionario”. Em Medina Guerra, A. M. (coord.). *Lexicografía española*. Madrid: Ariel. 79-101.

Dubois, J.; Dubois, Cl. (1971). *Introduction à la lexicographie: le dictionnaire*. Paris: Librairie Larousse.

Garriga Escribano, C. (2003). “Microestructura del diccionario: las informaciones lexicográficas”. Em Medina Guerra, A. M. (coord.). *Lexicografía española*. Madrid: Ariel. 103-126.

Haensch, G. (1982). “Tipología de las obras lexicográficas”. Em Haensch, G.; Wolf, L.; Ettinger, S.; Werner, R. (ed.). *La Lexicografía. De la Lingüística Teórica a la Lexicografía Práctica*. Madrid: Editorial Gredos. 95-187.

Imbs, P. (1960). “Au seuil de la lexicographie”. *Cahiers de Lexicologie*, 2. 3-17.

Porto Dapena, J.-Á. (2002). *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arco/Libros, S.L.

Rey-Debove, J. (1984). “Léxico e Dicionário”. *Revista Alfa*, 28 (suplemento). 45-69. [tradução de Clóvis Barleta de Moraes]

Sardinha, T. B. (2004). *Linguística de Corpus*. Barueri: Editora Manole.

Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. 5ª ed. Global Editora e Distribuidora Ltda., 2009.